"O vácuo de poder" ou "o artigo dos vaga-lumes"

por ***Pier Paolo Pasolini***

A distinção entre o adjetivo fascismo e fascismo substantivo remonta a nada menos que o jornal "Il Politécnico", isto é, imediatamente após a guerra ... "Assim começa uma intervenção de Franco Fortini sobre o fascismo (" L'Europeo, 26-12 - 1974): intervenção que, como se costuma dizer, subscrevo totalmente tudo. No entanto, não posso subscrever a estréia tendenciosa. Na verdade, a distinção entre "fascismos" feita no "Politécnico" não é relevante nem atual. Isso ainda poderia ser válido até cerca de dez anos atrás: quando o regime democrata-cristão ainda era a continuação pura e simples do regime fascista. Mas cerca de dez anos atrás, "algo" aconteceu. "Algo" que não existia e não era previsível não só na época do "Politécnico".

O verdadeiro confronto entre "fascismos" não pode, portanto, ser "cronologicamente", entre fascismo fascista e fascismo democrata-cristão: mas entre fascismo fascista e radicalmente, totalmente, imprevisivelmente novo fascismo que nasceu daquele "algo" que aconteceu há dez anos.

Já que sou um escritor e escrevo em polêmica, ou pelo menos discuto, com outros escritores, deixe-me dar uma definição poético-literária desse fenômeno que aconteceu na Itália há cerca de dez anos. Isso servirá para simplificar e encurtar nosso discurso (e provavelmente entendê-lo ainda melhor).

No início dos anos 60, devido à poluição do ar e, sobretudo, no campo, devido à poluição das águas (rios azuis e canais transparentes), os vaga-lumes começaram a desaparecer. O fenômeno foi extremamente rápido e deslumbrante. Depois de alguns anos, os vaga-lumes desapareceram. (Eles são agora uma memória, comovente, do passado: e um velho que tem essa memória, não consegue se reconhecer como jovem nos novos jovens e, portanto, não pode mais ter as boas lamentações do passado).

Esse "algo" que aconteceu há cerca de dez anos, chamarei, portanto, de "desaparecimento dos vaga-lumes".

O regime democrata-cristão teve duas fases absolutamente distintas, que não só não podem ser comparadas, implicando uma certa continuidade, mas até se tornaram historicamente incomensuráveis. A primeira fase deste regime (como os radicais com razão sempre insistiram em chamá-lo) é aquela que vai do fim da guerra ao desaparecimento dos vagalumes, a segunda fase é aquela que vai do desaparecimento dos vagalumes à hoje. Vamos examiná-los um de cada vez.

Antes do desaparecimento dos vaga-lumes

A continuidade entre o fascismo fascista e o fascismo democrata-cristão é completa e absoluta. Silencio sobre o que, a este respeito, já se disse então, talvez precisamente no "Politécnico": a omissão de expurgos, a continuidade dos códigos, a violência policial, o desprezo pela Constituição. E me detenho no que ele contou mais tarde em uma consciência histórica retrospectiva. A democracia que os antifascistas democratas-cristãos opuseram à ditadura fascista era descaradamente formal. Baseou-se na maioria absoluta obtida através dos votos de enormes camadas de classes médias e enormes massas camponesas, administradas pelo Vaticano. Tal gestão do Vaticano só seria possível se fosse fundada em um regime totalmente repressivo. Neste universo, os “valores” que contavam eram os mesmos que para o fascismo: a Igreja, a Pátria, a família, a obediência, a disciplina, a ordem, a poupança, a moralidade. Esses "valores" (como de fato durante o fascismo) eram "também reais": isto é, pertenciam às culturas particulares e concretas que constituíam a Itália arcaicamente agrícola e paleo-industrial. Mas quando eles foram assumidos como "valores" nacionais, eles poderiam apenas perder toda a realidade e se tornar um conformismo estatal atroz, estúpido e

repressivo: o conformismo do poder fascista e democrata-cristão. Provincianidade, grosseria e ignorância tanto das "elites" quanto, em diferentes níveis, das massas eram as mesmas tanto durante o fascismo quanto durante a primeira fase do regime democrata-cristão. Os paradigmas dessa ignorância eram o pragmatismo e o formalismo do Vaticano.

Tudo isso é claro e inequívoco hoje, porque então havia esperanças tolas por parte de intelectuais e adversários. Esperava-se que tudo isso não fosse inteiramente verdade e que a democracia formal, em última análise, importava. Agora, antes de passar para a segunda fase, terei que dedicar algumas linhas ao momento de transição.

Durante o desaparecimento dos vaga-lumes

Neste período, a distinção entre fascismo e fascismo feita no "Politécnico" também poderia funcionar. Na verdade, tanto o grande país que se formava dentro do país - ou seja, os operários e camponeses organizados pelo PCI - quanto os intelectuais mais avançados e críticos, não haviam percebido que “os vagalumes estavam desaparecendo”. Eram bastante bem informados pela sociologia (que naqueles anos havia posto em crise o método da análise marxista): mas eram informações ainda não vividas, essencialmente formalistas. Ninguém poderia suspeitar da realidade histórica que seria o futuro imediato; nem para identificar o que então se chamava de "bem-estar" com o "desenvolvimento" que o "genocídio" deveria ter alcançado plenamente na Itália pela primeira vez.

Após o desaparecimento dos vaga-lumes

Os "valores" nacionalizados e, portanto, falsificados do antigo universo agrícola e paleocapitalista de repente não contam mais. Igreja, país, família, obediência, ordem,

economia, moralidade não contam mais. E eles não são mais necessários nem mesmo como fakes. Eles sobrevivem no clerical-fascismo marginalizado (mesmo o MSI essencialmente os repudia). Para substituí-los são os "valores" de um novo tipo de civilização, totalmente "diferente" da civilização camponesa e paleo-industrial. Essa experiência já foi feita por outros estados. Mas na Itália é bastante particular, porque é a primeira verdadeira "unificação" sofrida por nosso país; enquanto nos outros países ela se sobrepõe a uma certa lógica a unificação monárquica e a posterior unificação da revolução burguesa e industrial. O trauma italiano do contato entre a "arcaicidade" pluralista e o nivelamento industrial talvez tenha apenas um precedente: a Alemanha antes de Hitler. Também aqui os valores das várias culturas particularistas foram destruídos pela violenta homologação da industrialização: com a consequente formação dessas enormes massas, não mais antigas (camponeses, artesãos) e ainda não modernas (burguesas), que constituíram a corpo selvagem, aberrante e imponderável das tropas nazistas.

Algo semelhante está acontecendo na Itália: e com violência ainda maior, já que a industrialização dos anos 1970 constitui uma "mutação" decisiva até mesmo em relação à alemã há cinquenta anos. Já não nos deparamos, como todos agora sabem, com "novos tempos", mas com uma nova época da história humana, dessa história humana cujos prazos são milenares. Era impossível para os italianos reagir pior do que isso a este trauma histórico. Eles se tornaram em poucos anos (especialmente no centro-sul) um povo degenerado, ridículo, monstruoso, criminoso. Basta sair para a rua para entender. Mas, é claro, para entender as mudanças das pessoas, você tem que amá-las. Infelizmente, eu amei esses italianos: ambos fora dos esquemas de poder (na verdade, em oposição desesperada a eles), tanto fora dos esquemas populistas quanto humanitários. Foi um amor verdadeiro, enraizado no meu jeito de ser. Por isso, vi "com

os meus sentidos" o comportamento forçado da potência de consumo recriando e deformando a consciência do povo italiano, a ponto da degradação irreversível. Isso não aconteceu durante o fascismo fascista, um período em que o comportamento estava completamente dissociado da consciência. Em vão, o poder "totalitário" repetiu e reiterou suas imposições comportamentais: a consciência não estava envolvida. Os "modelos" fascistas não passavam de máscaras, para serem colocadas e retiradas. Quando o fascismo fascista caiu, tudo voltou a ser como era antes. Isto também se viu em Portugal: após quarenta anos de fascismo.

É, portanto, ridículo que Fortini retroagiu a distinção entre fascismo e fascismo ao primeiro período do pós-guerra: a distinção entre fascismo fascista e o fascismo desta segunda fase do poder democrata cristão não é apenas sem paralelo em nossa história, mas provavelmente em toda a história.

No entanto, não estou escrevendo este artigo apenas para discutir esse ponto, embora seja muito importante para mim. Na verdade, estou escrevendo este artigo por um motivo muito diferente. Aqui está ela.

Todos os meus leitores certamente terão notado a mudança nos poderosos democratas-cristãos: em poucos meses, eles se tornaram máscaras funerárias. É verdade: continuam exibindo sorrisos radiantes, de uma sinceridade incrível. A verdadeira luz abençoada do bom humor se aglomera em suas pupilas. Quando não é a luz piscando da inteligência e da travessura. O que os eleitores gostam, ao que parece, tanto quanto de felicidade plena. Além disso, nossos poderosos continuam seus discursos incompreensíveis destemidos; em que flutua o "flatus vocis" das promessas estereotipadas usuais. Na realidade, são apenas máscaras. Tenho certeza de que levantar aquelas máscaras não encontraria nem um monte de ossos ou cinzas: haveria nada, vazio. A explicação é simples: hoje na Itália existe realmente é um vácuo dramático de

poder. Mas este é o ponto: não um vácuo de poder legislativo ou executivo, não um vácuo de poder executivo, nem, finalmente, um vácuo de poder político em qualquer sentido tradicional. Mas um vácuo de poder em si mesmo.

Como chegamos a esse vazio? Ou, melhor, "como os homens de poder vieram até nós?". A explicação, de novo, é simples: os poderosos democratas-cristãos passaram da "fase dos vagalumes" à "fase do desaparecimento dos vagalumes" sem se darem conta disso. Por mais próximo que isso possa parecer da criminalidade, sua ignorância sobre esse ponto era absoluta; eles não suspeitavam que o poder que detinham e administravam não estava simplesmente passando por uma evolução "normal", mas estava mudando radicalmente sua natureza. Eles se iludiam de que em seu regime tudo teria sido substancialmente igual: que, por exemplo, eles poderiam ter contado com o Vaticano para sempre: sem perceber que o poder, que eles próprios continuaram a manter e administrar, não sabia mais o que fazer com o Vaticano como centro da vida camponesa, retrógrada, pobre. Eles se iludiram pensando que poderiam contar para sempre com um exército nacionalista (assim como seus predecessores fascistas): e eles não viram que o poder, que eles próprios continuaram a manter e administrar, já estava manobrando para lançar as bases para novos exércitos como forças policiais transnacionais, quase tecnocráticas. E o mesmo se pode dizer da família, obrigada, sem interrupção desde os tempos do fascismo, à poupança, à moralidade: agora o poder de consumo impôs-lhe mudanças radicais no sentido da modernidade. Os governantes democratas-cristãos passaram por tudo isso, acreditando que o administram e, acima de tudo, o manipulam. Eles não perceberam que era "outro": incomensurável não só para eles, mas para toda uma forma de civilização. Como sempre (cf. Gramsci), apenas na língua havia sintomas. Na fase de transição - isto é "durante" o desaparecimento dos vaga-lumes - os governantes democratas-cristãos mudaram quase abruptamente sua

forma de se expressar, adotando uma linguagem completamente nova (aliás incompreensível como o latim): especialmente Aldo Moro: isto é (para uma correlação enigmática) aquele que parece ser o menos envolvido de todos nas coisas horríveis que se organizaram de 1969 até hoje, na tentativa, até então formalmente bem-sucedida, de manter o poder de qualquer maneira. Digo formalmente porque, repito, na realidade, os poderosos democratas-cristãos cobrem o vazio com sua manobra robótica e seus sorrisos. O poder real procede sem eles: e eles não têm mais em suas mãos, mas aqueles aparelhos inúteis que, deles, nada mais fazem do que o triste trespassado real. Porém, na história, o "vazio" não pode existir: ele só pode ser pregado de forma abstrata e absurda. É provável que de facto o "vazio" de que falo já esteja a ser preenchido, através de uma crise e de um reajustamento que não pode deixar de abalar toda a nação. Por exemplo, a expectativa "mórbida" do golpe de Estado é uma indicação disso. Quase como se se tratasse apenas de "substituir" o grupo de homens que nos governou de forma tão terrível por trinta anos, levando a Itália ao desastre econômico, ecológico, urbano, antropológico.

Na realidade, a falsa substituição destas "cabeças de madeira" (nem menos, aliás mais fúnebremente carnavalesca), realizada através do reforço artificial dos antigos aparatos do poder fascista, seria inútil (e é claro que, neste caso, a "tropa" seria, já por sua constituição, nazista). O poder real que por cerca de dez anos as “cabeças de madeira” serviram sem perceber sua realidade: aqui está algo que pode já ter preenchido o “vazio” (anulando também a possível participação no governo do grande país comunista que nasceu em colapso da Itália: porque não se trata de "governar"). Temos imagens abstratas e, em última análise, apocalípticas desse "poder real": não sabemos o que "formas" assumiria substituindo diretamente os servos que o tomaram por uma simples "modernização" das técnicas. Em todo caso, quanto a mim (se isso interessar ao

leitor) é claro: eu, mesmo sendo multinacional, daria a Montedison inteira por um vaga-lume.

Pier Paolo Pasolini

** "O artigo dos vaga-lumes"*
Pier Paolo Pasolini
Escritos Corsários,
Editora 34, 2020